



UM BRASIL PARALELO: DISPUTAS EDUCACIONAIS PELOS SENTIDOS DA HISTÓRIA E DO TEMPO PRESENTE¹

Núbia Almeida Lourenço [*]; Leonardo Cartagena Miron [**]; Alexandre Fernandez Vaz
[***]

A produtora de mídia digital Brasil Paralelo diz oferecer orientação para que o panorama sócio-histórico-político atual possa ser *corretamente* assimilado por seus espectadores. Em tempos de intensa expansão da internet e de assimilação da tela como mediação entre sujeito e objeto, ele propõe entretenimento digital como forma de educar uma nação para a vida, em suas dimensões privada e pública. Observando-o como situação paradigmática do processo de ascensão de uma cultura de (extrema) direita nos últimos anos, este artigo analisa o sentido que a produtora propõe, mesmo não o reconhecendo, que é a disputa por hegemonia na direção da sociedade contemporânea, defendendo pautas autoritárias na política, neoliberais na economia e reacionárias nos costumes. Conclui-se que o entretenimento nesse caso é, ao contrário do relaxamento que promete, dominação dos sentidos e do pensamento por um artefato que não sai do círculo sempre repetido da indústria cultural.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; Teoria Crítica da Educação; Cultura de direita.

A PARALLEL BRAZIL: EDUCATIONAL CHALLENGES ON THE SENSES OF HISTORY AND OF PRESENT TIMES

ABSTRACT

The media producer Parallel Brazil promises to provide orientation to current socio-historical-political panorama be understood by its spectators. In times of intense expansion of the internet and the assimilation of the screen as a medium between subject and object, it proposes digital entertainment for educating the nation for private and public lives. Observing it as a paradigmatic point of the process of ascension of a (extreme) right culture in recent years, this paper analyzes the meaning that Parallel Brazil proposes, even not recognizing it, which is the dispute for hegemony in the direction of contemporary society, defending Authoritarian guidelines in politics, neoliberals in the economy and reactionary in customs. It is concluded that entertainment in this case is, contrary to the relaxation it promises, the domination of the senses and the thought by an artifact that does not come out of the always repeated circle of the cultural industry.

Keywords: Parallel Brazil; Critical Theory of Education; Culture of Right Wing.

¹ O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação VI: estudos para a compreensão do tempo presente, financiado pelo CNPq (408324/2023-6, 312749/2021-0, bolsas PIBIC/UFSC/CNPq).



UN BRASIL PARALELO: DISPUTAS EDUCATIVAS POR LOS SENTIDOS DE LA HISTORIA Y DEL TIEMPO PRESENTE

RESUMEN

La productora de medios digitales Brasil Paralelo promete orientación para la comprensión del panorama sociohistórico actual. En tiempos de intensa expansión de la Internet y de asimilación de la pantalla como mediación entre sujeto y objeto, propone el entretenimiento digital como forma de educar a una nación en sus dimensiones privadas y públicas. Observándola como situación paradigmática del proceso de ascensión de una cultura de (extrema) derecha en los últimos años, este artículo analiza el sentido que la productora propone, incluso no reconociéndolo: la disputa de la hegemonía por la dirección de la sociedad contemporánea, al defender pautas autoritarias en la política, neoliberales en la economía y reaccionarias en las costumbres. Se concluye que el entretenimiento en este caso es, contrariamente a la relajación que promete, la dominación de los sentidos y del pensamiento por un producto que no se aleja del siempre repetido círculo de la industria cultural.

Palabras-clave: Brasil Paralelo; Teoría Crítica de la Educación; Cultura de Derecha.

INTRODUÇÃO

Foi de forma paulatina, mas em ritmo crescente, a geração do contexto que tornou possível em 2018 a eleição para presidente da República de um candidato que se notabilizara, em sua longa trajetória como político, por ser um defensor contumaz da ditadura. Jair Messias Bolsonaro vinha de uma carreira de três décadas como deputado federal, na qual sempre defendera o golpe perpetrado por militares em 1964, que teria salvado o Brasil do comunismo, e, também, os governos de exceção que se sucederam até 1985. Suas eventuais críticas ao regime sempre se limitaram a momentos em que os ditadores tivessem sido demasiadamente brandos na perseguição aos opositores. Chegou a afirmar, certa vez, que o problema do período teria sido não terem sido mortos uns 30000 opositores. Não houvesse um potencial autoritário sempre pronto a emergir na sociedade brasileira, teria sido improvável algum tipo de identificação – ou de indiferença – com posturas homofóbicas, racistas em relação a negros e indígenas, misóginas, ameaçadoras a adversários políticos, de desprezo aos direitos humanos e de negacionismo em relação aos crimes cometidos por militares e paramilitares a serviço do regime de exceção. Não teria sido possível, portanto, a eleição de candidato de tal cariz.



Apesar do fim da ditadura e da sucessão de presidentes civis desde 1985, os militares, como mostra a pesquisa de Fábio Victor (2022), jamais deixaram a política, prosseguindo com uma dinâmica que sempre tendeu ao mandonismo (Schwarcz, 2019) que remonta aos tempos da proclamação da república. Com Bolsonaro, os castristas voltaram ao executivo federal nas mãos de um capitão reformado que deixou a caserna com fama de indisciplinado (Carvalho, 2019). Junto com ele, um sem-número de membros das forças armadas e das polícias estaduais, federal e civis ocuparam postos de governo. Entre os fatores que facilitaram a ocupação do Planalto pelos militares, assim como aconteceu na própria eleição do candidato de extrema-direita, estão o encarceramento do principal candidato de esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, no mesmo ano, o impedimento do mandato de Dilma Rousseff, em 2016, a operação judiciária e policial conhecida como Lava-jato, liderada pelo então juiz federal Sérgio Moro (depois ministro da Justiça e da Segurança Pública sob Bolsonaro, hoje senador).

Outro item importante da lista das condições que adubaram o solo da expansão extremista foram as manifestações de rua de 2013, em pelo menos uma de suas faces, que foi a demonização da atividade política institucional, vista como promotora incurável de corrupção e engano. A partir daquele mesmo momento, forças conservadoras e reacionárias, que não ocupavam as ruas desde os anos 1960 (com as marchas de apoio à ditadura, que rivalizaram com as de crítica ao regime), saíram de casa para protestar contra a política profissional, mas também contra as forças populares e de esquerda. O alvo dos ataques incluía o que era visto como deturpação dos bons valores da nação, expressa, por exemplo, nas políticas identitárias.

Ações afirmativas, manifestações de diversidade de gênero, feminismo, leis que sustentassem reparações históricas, apoio às artes de vanguarda, entre outros pontos, foram alvos de parte da população e da imprensa, e principalmente de agitadores de direita e influencers – uma atividade nascida contemporaneamente a tais movimentos –, fermentando um caldo cultural que foi como um estopim a gerar violência contra todo tipo de pauta de ampliação da democracia, mesmo que compusessem aqueles itens uma agenda clássica do liberalismo, vinculados, essencialmente, à busca pela igualdade. De fato, os ressentimentos organizados politicamente – um procedimento que já levava regimes autoritários a receber apoio importante de populações, como nos casos do fascismo na Itália e do nazismo na



Alemanha – em favor de Bolsonaro parecem ter alcançado grande efeito, na medida em que o então candidato se apresentou como liberal na política (posição que não apresentara como parlamentar, quando se notabilizou como estatista) e conservador nos costumes (apesar de sua trajetória não ser exatamente a de alguém que cultiva os valores da família tradicional). Uma das forças políticas mais importantes no apoio à candidatura de extrema-direita foi formada por igrejas evangélicas – um campo amplo e diversificado, como mostra o trabalho de Anna Virgínia Balloussier (2024) –, em especial por pastores que lideram programas televisivos de grande audiência e ou com grande presença nas redes sociais, para os quais a agenda de costumes é forte estratégia de mobilização.

No conjunto acima mencionado, destacam-se *youtubers* e influenciadores diversos, que em seus programas deram voz a todo tipo de declaração antidemocrática, seja no sentido mais estrito do termo – como a defesa do legado da ditadura, de intervenção militar, de fechamento do Congresso Nacional e de prisão de ministros do Supremo Tribunal Federal, bem como promoção da desconfiança em relação ao sistema eleitoral, entre tantos outros pontos –, ou em direção mais ampla, que diz respeito, principalmente, à pauta de costumes. No que diz respeito a este último ponto, foram atacados os direitos (inclusive de simples expressão) de grupos subalternizados e as tentativas de reparação histórica, como as de ingresso ao ensino superior, na forma das políticas de ação afirmativa. Tudo isso se fez ver em veículos de grande propagação que alavancaram ou se aproveitaram da recente ascensão pública da extrema-direita no Brasil.

Trata-se, em boa medida, da atualização do ideário conservador e reacionário que é axial na história da República, mas que ganha matizes mais definidas, entre outras ocasiões, com o golpe militar e a ditadura que lhe é subsequente. Isso se dá em pelo menos duas situações. O período de exceção aparece como tempo em que as coisas eram corretas, ou ao menos aconteciam sem a balbúrdia moral, intelectual e estética atual. Ao mesmo tempo, a cultura daqueles anos teria sido deturpada pela esquerda, que fora sedimentando sua hegemonia, acelerando-se tal processo na Nova República, e radicalizando tal vitória nas duas últimas décadas. A necessária correção de rota se daria retomando parte do *Zeitgeist* dos anos de



chumbo, pela valorização do que seria cristão, heteronormativo, liberal na economia e autoritário na política.

Entre tais veículos que defendem essa pauta destaca-se a produtora de mídia digital Brasil Paralelo, de volumoso conteúdo e programação em distintos formatos, tanto em plataforma própria quanto em redes e divulgadores abertos de compartilhamento, como o Youtube e o Instagram, e em serviços de *streaming* de áudio, como o Spotify e a Deezer. Desde sua criação, em 2016, a Brasil Paralelo tem produzido documentários, séries, entrevistas, cursos e, para 2024, previa-se o lançamento de seu primeiro longa-metragem ficcional, o filme *Oficina do Diabo*. Baseado na obra *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, best-seller do escritor C. S. Lewis, o filme teve, no entanto, seu lançamento interrompido e as propagandas a seu respeito desapareceram das plataformas da produtora após problemas com direitos autorais. Na plataforma digital é possível acessar, além de artigos próprios, produções audiovisuais, desenhos e livros que, não sendo de sua lavra, estão alinhados à proposta que defende. Em tal acervo, as temáticas variam entre história, ciência política, filosofia, arte, atualidades e economia, compondo-se também de material exclusivo e dito seguro para o público infantil.

A Brasil Paralelo possui, no momento da conclusão deste texto, em setembro de 2024, 4,5 mil vídeos postados em seu canal do YouTube, os quais são organizados em *playlists* pela própria produtora, tendo cada um a duração aproximada de uma hora – os materiais de maior extensão costumam ser divididos e apresentados como trilogias ou séries. É por meio de tal formato que a empresa apresenta suas hipóteses, inquisições, teorias e supostas revelações referentes a todo e qualquer tema que caiba no formato digital. Seus sócios-fundadores, três jovens com formação em Marketing e Administração, defendem uma premissa, muito anunciada, mas jamais comprovada, segundo a qual estaria a educação, em especial aquela que se ocupa da História do Brasil em decadência. Ademais, ela seria “chata” e “mal contada”.

A Brasil Paralelo justifica a si mesma, portanto, pela necessidade de educar os brasileiros de modo instigante e excitante sobre diferentes temas, apresentando a realidade social e com artigo definido, como se a verdade fosse sempre única e a-histórica. Com essa pretensão, a empresa oferece orientação e sentido para que o panorama sócio-histórico-político possa ser *corretamente* assimilado por seus espectadores. Não é à toa que, em tempos de intensa



expansão da internet e de assimilação da tela como mediação absoluta entre sujeito e objeto, a produtora propõe o entretenimento digital como forma de educar uma nação para a vida, em suas dimensões privada e pública, com promessas de conhecimento que viriam desde os materiais mais longos até uma síntese de notícias divulgadas em um programa que ocupa apenas três minutos do espectador.

Como exemplo das decorrências de tal empreitada, a TV Escola, canal de televisão vinculado ao Ministério da Educação, transmitiu em 2019 a série *Brasil - A última cruzada*, uma produção original da Brasil Paralelo. Cabe se ater à relação que o título faz entre o Brasil e expedições de caráter cristão e militar, ocorridas durante a Idade Média, com intenção de retomada do que seria a Terra Santa. Para ficar em mais um exemplo, na gestão de Tarcísio de Freitas – engenheiro, militar da reserva e político bolsonarista filiado ao Partido Republicanos – como governador do Estado de São Paulo, as produções da Brasil Paralelo vêm sendo utilizadas como material didático digital em escolas estaduais (Palhares, 2024). Cumpre-se assim um dos objetivos da empresa, o de que suas produções assumam caráter pedagógico, agora não apenas na forma de sua disponibilidade em redes de compartilhamento, mas encontrando destino nos processos de escolarização.

As páginas que seguem se dedicam a tal empreendimento, observando-o como situação paradigmática do processo de ascensão de uma cultura de direita (Jesi, 2022), ou de extrema-direita, nos últimos anos. O próximo capítulo apresenta o sentido que a produtora propõe, mesmo não o reconhecendo, que é a disputa por hegemonia na direção da sociedade contemporânea, defendendo pautas autoritárias na política, neoliberais na economia e reacionárias nos costumes. Logo após, e antes das considerações finais, um novo segmento comenta dois dos temas centrais das propostas da Brasil Paralelo, que são o *resgate* dos bons valores morais e familiares e a *defesa* da beleza harmônica contra sua *degeneração*. Esses temas ganham concretude em um projeto que é educacional e que, para isso, lança mão da demonização de Paulo Freire e da dinâmica do entretenimento como estratégia. Busca, com isso, a identificação do consumidor nos termos dos esquemas da indústria cultural (Horkheimer; Adorno, 1997; Adorno, 1997a).



A análise se orienta no sentido da tradição e atualização de uma Teoria Crítica do Presente, ou seja, na crítica à sociedade e à vida que se impõem em sua força unidimensional (Marcuse, 2015) como sociedade administrada (Adorno, 1997b; Adorno; Horkheimer, 1997), com vistas às possibilidades de sua superação. Isso se realiza como reflexão sobre o presente em seus movimentos de transformação, do qual a Brasil Paralelo é, se tomada como material sobre o qual se constrói um modelo crítico (Adorno, 1997c), síntese e testemunho. A abordagem pretendeu-se imanente ao movimento exemplar materializado pela produtora, observando a dialética (a negatividade) entre o que ela propõe e anuncia e o que ela concretiza como conteúdo e forma.

DISPUTA POR HEGEMONIA

A música que alguém escuta, as obras que admira, os filmes que assiste e principalmente os livros que lê, moldam a sua mente. Os clássicos da literatura mundial podem ser um caminho para potencializar a imaginação humana (Brasil Paralelo, 2023a).

No site da empresa-produtora pode-se ler uma matéria originalmente publicada pela Revista Forbes, em que a Brasil Paralelo é comparada a uma importante plataforma de *streaming*, a Netflix, e ao canal televisivo History Channel, ambos originalmente estadunidenses (Chafuen, 2023; Brasil Paralelo, 2024). Em entrevista ao portal Exame, em fevereiro de 2022, o próprio CEO da empresa, Henrique Viana, disse que a pretensão é tornar-se, a longo prazo, a Disney (nome fantasia da The Walt Disney Company, responsável pelo serviço de streaming Disney+) brasileira, o que aconteceria com a transposição de clássicos da literatura universal para o entretenimento (Amorim, 2023).

A Brasil Paralelo define que sua visão é “ser o ecossistema de maior influência cultural” do país e tem como sua missão “resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros” – cabe dizer que o uso do verbo resgatar significa, de acordo com pelo menos um dicionário (Oxford, 2024), que algo precisa ser salvo, libertado ou livrado de uma situação



de risco, da ruína. É exatamente o que a produtora diz pretender fazer com a cultura brasileira que, segundo afirma, estaria em franca decadência.

Nesse contexto, a Brasil Paralelo, ao pretender o domínio dos meios de entretenimento e de propor a si mesma como ferramenta educativa, coloca-se, de modo paradoxal, na disputa pela hegemonia cultural. O paradoxo se dá porque o conceito de hegemonia cultural foi desenvolvido por Antonio Gramsci (2001), filósofo marxista nascido na Itália no fim do século dezenove, como ferramenta central em sua teoria política e social para a análise crítica da sociedade capitalista. Gramsci seria, para boa parte do movimento reacionário do qual a produtora faz parte, o mentor do chamado marxismo cultural, que seria, por sua vez, hegemônico na cultura brasileira. Segundo essa fantasia, a cultura brasileira seria predominantemente de esquerda, um resultado, conforme um dos importantes produtos da Brasil Paralelo, o documentário *1964: entre armas e livros*, de uma vitória dos comunistas e seus assemelhados durante o governo militar (Vaz; Lourenço; Miron, 2024). A derrota nas armas teria sido compensada, com muitos ganhos pelos opositores do regime, pelo alastramento cultural na literatura, cinema, teatro, música popular e televisão.

Hegemonia é um conceito que diz respeito à direção ideológica que o grupo dominante imprime estruturalmente, de maneira opressiva, mas também consentida, à vida em sociedade; trata-se de como ideias, valores e normas de uma classe ou grupo conformam a cultura e a sociedade, exercendo influência sobre como as pessoas pensam e se comportam, e se organizam subjetiva e socialmente. A hegemonia, assim, demanda o controle de instituições culturais e intelectuais, como escolas, mídia, religião, literatura, arte e outros meios de produção e disseminação de ideias e práticas (Gramsci, 2001). Trata-se, portanto, de um conceito voltado à compreensão das estruturas de poder que operam para a manutenção do capitalismo, delineando-se, também, como ferramenta para análise das possibilidades de resistência por parte de grupos historicamente oprimidos – aos quais caberia o desenvolvimento de um movimento contrário à dominação política e cultural daquelas forças que exercem o poder, com vistas à criação de uma nova ordem social que seja mais justa que aquela vigente.

Ao declarar-se, na matéria da Forbes, como organização contrária ao *Brazilian establishment* e, na entrevista ao portal Exame, como formada por liberais e conservadores, a



Brasil Paralelo pressupõe que a esquerda – tomada como bloco único e indistinto – é o grupo que domina econômica, social, política e culturalmente o conjunto da sociedade. Colocar-se na disputa pela hegemonia é, nesse sentido, ter como missão a defesa dos “bons valores” – o que aponta para seu contrário, isto é, a existência dos maus valores que não só vigorariam na sociedade, como também teriam responsáveis pela sua propagação e sustentação, ou seja, os portadores de tais valores.

Anunciando-se como tal e com seu nome aludindo a uma forma de agir independente do Estado – Brasil *Paralelo* –, a produtora coloca-se também em oposição a ele, defendendo o empreendimento privado e reafirmando a geometria imaginária que sugere que seriam duas retas paralelas que nunca se encontram, que jamais colidem uma com a outra. Segue uma crença – que é anunciada com veemência – segundo a qual estaria ela mesma em total imparcialidade e alheia às instituições governamentais, assim como distante e dissociada de qualquer tipo de ideologia, não economizando esforços na comunicação de seus modos de agir: “Somos orientados pela busca da verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo” (Brasil Paralelo, 2022a).

Em 2019, a produtora se envolveu em polêmica ao lançar o já citado documentário que, a seu modo, reconta a história do golpe que completa 60 anos e da ditadura militar brasileira, o que o faz de modo leniente aos atos do regime de exceção. Em seu artigo *Filho de Bolsonaro divulga documentário que defende a ditadura*, o jornal *O Globo*, o qual posteriormente foi acusado pela produtora de difamação, recebeu como resposta de um dos sócios-fundadores da empresa, Filipe Valerim, o seguinte texto que é uma autodefesa que almeja convencer sobre a imparcialidade do referido filme:

A Brasil Paralelo é uma empresa de comunicação, que tem como foco de atuação a produção de conteúdos informativos relacionados ao contexto social, político e econômico brasileiro. Trata-se de uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, e que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público conteúdos essencialmente informativos com relação aos temas tratados, sempre com base em grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas. (...) Assim como todo conteúdo gerado pela Produtora, o Documentário não possui qualquer viés político ou ideológico, tratando-se de uma análise



puramente historiográfica... A Brasil Paralelo quer resgatar aquilo que a população brasileira não pôde herdar, mas que tem a profunda certeza de que merece saber: a verdade (O Globo, 2019).

Observa-se que, no que seria a disputa pela hegemonia, a Brasil Paralelo define-se como organização independente e portadora da verdade – verdade absoluta, cujo oposto são os que não concordariam com as posições da produtora. Como publicidade, na aba de assinatura mensal de sua plataforma, a Brasil Paralelo interpela: “uma mídia independente que luta por um Brasil melhor” e que é “comprometida com o resgate da cultura e educação” no país, sugerindo, assim, que aqueles que não apoiam o seu projeto só podem estar ao lado da decadência da nação. “Ao se juntar à Brasil Paralelo”, diz a publicidade, “você fará parte de uma comunidade com mais de 600 mil membros que compartilham dos mesmos valores e ideias que você, e que juntos, decidiram assinar a BP e assim fazer a diferença em nosso país”; convite que, já aceito por milhares de pessoas, incita à homogeneidade e caracteriza-se como autoritário à medida que procura anular qualquer diferença, combater toda forma de diversidade.

Com caráter de revisionismo histórico, a empresa de mídia tem documentários e séries acerca das queimadas na Amazônia, infanticídio indígena, atuação de ONGs ambientalistas e o potencial agrícola brasileiro no cenário mundial; sobre o sistema de ensino brasileiro, o qual enfrentaria o problema de “doutrinação marxista em sala de aula, professores militantes, drogas nas escolas e universidades e pouco aprendizado real” (Brasil Paralelo, 2020a); a respeito da arquitetura moderna em uma trilogia chamada “O fim da beleza”, da música em sua historicidade e, ainda, da invenção do cinema, em uma fita chamada “A sétima arte”; a respeito da ditadura civil-militar brasileira e, de modo geral, da história do país, desde a colonização portuguesa, passando por títulos como “o que você não sabe sobre a independência do país”; e, para ficar em um último exemplo, a respeito da morte da socióloga e ativista política Marielle Franco, que à época era vereadora no Rio de Janeiro, da Lei Rouanet no Brasil que, instituída em 1991, se dedica ao incentivo à produção cultural no país, e da Lei Maria da Penha que, em homenagem à farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, a qual, após ter sido



baleada por seu marido, ficou paraplégica, legisla sobre os atos de violência doméstica contra as mulheres.

Esses últimos casos são discutidos e organizados em um programa intitulado *Investigação Paralela*, uma série original da Brasil Paralelo, cuja pretensão é discutir crimes reais, de conhecimento público por sua repercussão política e social, acontecidos no país. Henrique Zingano, roteirista e apresentador da série, declara não ter formação específica para a função, afirmando montar seus roteiros com base em seu gosto pela política e em pesquisas no Google e no YouTube (Brasil Paralelo, 2022b). A produção sobre Maria da Penha, na qual há entrevistas com o agressor e a sugestão de que ela teria sido vítima, na verdade, de um assalto, está entre os materiais digitais que, ao difundirem mentiras, influenciaram uma onda de ameaças à própria Maria da Penha (Rodrigues, 2024; Brasil de Fato, 2024). Posteriormente a esses ataques, no início de junho do presente ano, ficou estabelecido que ela ingressará no programa de proteção a defensoras de direitos humanos e passará a ter segurança particular permanente (Chade & Fibe, 2024).

É comum que nas produções da Brasil Paralelo disponíveis no YouTube sejam realizadas entrevistas com pessoas identificadas como especialistas de cada área. Para além das peças que se referem ao contexto nacional, a produtora tem conteúdos referentes à situação internacional, oferecendo aos seus membros um *newsletter*, enviado por e-mail, com as principais notícias do dia, que promete atualizar seu consumidor com apenas três minutos de leitura. Quanto aos cursos, promessa semelhante de conhecimento rápido e sistematizado também é feita: “chega de se sentir à deriva em um mar de informações, ou sem tempo para aprender e aprofundar-se em temas importantes”, e é por isso que “reunimos o essencial em um só lugar, para você compreender os grandes temas da atualidade, com aulas objetivas, direto ao ponto, que ocuparão pouco tempo em sua agenda, mas contribuirão sobremaneira para a sua vida pessoal e profissional”.

Há, ainda, em suas plataformas digitais, um programa chamado Rasta News, o qual tem como lema ser um jornal semanal isento de notícias: o apresentador, de cabelos longos, barba farta e cartola, discute desde temas políticos, como a crise na Venezuela e o conceito de apropriação cultural, até a invasão de alienígenas, o filme *Barbie*, de Greta Gerwing, um dos



lançamentos mais esperados de 2023, e a existência de “maconhistas”. Esta designação, aliás, chama a atenção. Em oposição ao termo corrente maconheiro, pode corresponder à circunscrição patológica, dado o sentido que o emprego costumeiro que o sufixo tem entre nós, daqueles que consomem tal droga que, em nosso país, apenas agora, e com muitos limites, tornou-se legalmente tolerável.

Há ainda, como iniciativa da própria Brasil Paralelo, a distribuição de bolsas de estudo em todo o país para acesso à sua plataforma, bem como um curso em seu site intitulado “Escola da Família” que, como o nome sugere, volta-se ao cultivo dos laços familiares e à dissolução dos conflitos e desafios entre pais e filhos por meio da valorização do que é tido como bons hábitos e virtudes.

CONTRA A DECADÊNCIA E A DEGENERAÇÃO

“Conheça a Escola da Família, o suporte para os pais que desejam criar um legado”: este é o título do artigo em que a Brasil Paralelo apresenta um de seus cursos de destaque, composto por subtemas como o “desvendando a primeira infância” e “harmonia conjugal”, todos em episódios com duração entre cinco e nove horas, tendo como fio condutor a proposta de resgatar o *caminho virtuoso*. Está posta a missão de resgate e resguardo dos pais, mães e filhos contra o que seriam os desvios de tal caminho, as más influências da ordem cultural hegemônica, que seria de esquerda, promovida e sustentada pelas mídias, pelo Estado, pelas escolas e outras instituições. Afinal, como supõe a empresa-produtora,

Após séculos de gerações em que o sacramento do matrimônio era um **compromisso a ser levado até a morte pelo bem dos filhos e da sociedade**, o divórcio se tornou o destino da maioria dos casamentos. **Essa brusca alteração não foi produto do desenvolvimento social**. Antes, é um objetivo estrategicamente alcançado e que tem origem nas ideias de Marx e Engels. [...] A conversão do sistema educacional em um mecanismo de cooptação política provocou uma **ruptura no seio de muitas famílias**, impondo mais dificuldades à missão paterna de educar (Brasil Paralelo, 2023b).



A consolidação do feminismo gerou uma mudança de moral tão grande que a maioria das mulheres deixou de seguir a tradicional moral cristã de seus países e passaram a seguir o relativismo moral presente na doutrina feminista. [...] Elas realizam trabalhos extenuantes de longa jornada, afastando-se da família. Esse modo de vida era defendido por Margaret Sanger e Simone de Beauvoir, por exemplo. Buscando esse tipo de vida, a essência da relação de complemento entre homem e mulher é quebrada (Brasil Paralelo, 2022c).

As más influências, para a Brasil Paralelo, têm como evidência a desestruturação da família e a relativização do conservadorismo moral, evocando para isso a ideia de que a escola seria alvo e reduto de doutrinação, bem como apontando os responsáveis pela suposta instrumentalização do ensino e da cultura de modo geral. Com isso, faz eco a uma série de episódios de perseguição a professores que vêm acontecendo no Brasil, assim como ao ideário perpetrado pelo Escola sem Partido, hoje com menos presença no debate, mas muito ativo até bem pouco tempo. Tal movimento teve a função de organizar a agenda regressiva escolar, consolidando na sociedade o pânico frente ao que considerava “ideologia de gênero” e “marxismo cultural” (Lourenço; Vaz, 2024; Vaz, 2023).

Essa ideia defendida pela empresa-produtora – e por outros setores do movimento geral e tentacular da extrema-direita – ganha caráter exemplar na trilogia Pátria Educadora, produzida em 2020. Com custo de dois milhões de reais e tendo sido assistida com audiência de milhões de pessoas (o primeiro e o terceiro capítulos contam com mais de 3 milhões de visualizações, e o segundo com mais de 1,5 milhões, até o momento de escrita deste texto), Pátria Educadora inicia com Filipe Valerim solicitando aos telespectadores que compartilhem o conteúdo e tornem-se membros da plataforma de *streaming*, para que a Brasil Paralelo continue com suas produções de forma independente – isto é, sem depender de apoios governamentais.

Dessa vez, se você não nos apoiar, corremos o risco de não poder continuar. Não é jogada de marketing, estamos apenas sendo totalmente francos com você. Estamos lançando esse filme de graça para a população e você agora precisa fazer a sua parte. Nós chegamos no preço mínimo que poderíamos chegar, para que todos que gostem da Brasil Paralelo possam com apenas R\$10,00 se tornarem membros assinantes. [...] Dez reais não pagam um ingresso no cinema, não pagam uma mensalidade na Netflix... você sabe que



com dez reais não se pode comprar muita coisa. Mas com a Brasil Paralelo, dez reais podem mudar a cultura do Brasil (Brasil Paralelo, 2020a).

Suplicar por pequenas quantias de dinheiro e confessar uma suposta fraqueza sem qualquer inibição, promover-se como um grande movimento, responsável por algum tipo de renascimento ou de resgate e mudança cultural e, ainda, convidar as pessoas a fazerem parte de tal movimento, como se este fosse um clube de elite destinado ao compartilhamento de mistérios ou de verdades que foram negadas à população, são estratégias frequentes utilizadas pela Brasil Paralelo no início de suas produções audiovisuais. Interessante é notar que esses três recursos foram analisados por Theodor W. Adorno (2002) como sendo as principais características do padrão de abordagem psicológica presente na propaganda fascista – e, portanto, antidemocrática – estadunidense nos anos 1930 e 1940. Se naquele momento a comunicação persuasiva se dava sobretudo pelo rádio e na voz ensaiada a alternar momentos de baixo volume, pausas dramáticas e alterações histriônicas, hoje, e a tantos quilômetros de distância, os meios são outros, mas o formato e o conteúdo não diferem muito do daquele momento. De certa forma, isso confirma o que Horkheimer e Adorno (1997) apontam como movimento perverso da indústria cultural, quando apenas em aparência seus produtos se mostram diferentes uns dos outros. Ao mesmo tempo, emerge a mesma indústria cultural em sua aliança com a dominação política, configurando-se duas faces da mesma moeda, segundo ainda o argumento dos frankfurtianos. Soma-se a isso o que Detlev Claussen (2013) chamou de simultaneidade global (*Globale Gleichzeitigkeit*), ou seja, processos que (nos Estados Unidos e no Brasil) não são simultâneos no tempo, mas na época histórica de configuração da experiência do presente.

Passado esse apelo, a trilogia segue com uma série imagens de violência contra professores e de depreciação de escolas, intercaladas com cenas do discurso da ex-presidenta Dilma Rousseff anunciando o comprometimento de seu governo com a educação. Os três capítulos, cujos subtítulos são, em ordem, *O fim da história*, *Pelas barbas do profeta* e *Guerra contra a inteligência*, possuem extensão entre 50 minutos a uma hora e meia e têm como proposta denunciar as mazelas do sistema de ensino brasileiro. Para tanto, a trilogia diz apresentar (1) o que é a educação, recorrendo ao passado para conceituá-la como ferramenta



de propagação da verdade, e (2) o porquê do desastroso panorama educacional brasileiro atual, relacionando-o a um suposto predomínio, nas instituições de ensino, da pedagogia proposta por Paulo Freire (2019). A denúncia recai, portanto, sobre o que seriam os problemas gerados pelo que se supõe ser uma pedagogia ou método crítico freirianos; e a respeito do que é apontado como doutrinação política e ideologia de gênero, que comporia a formação de professores e que seria perpetrada nas salas de aula, aparecendo como uma secreta forma de destruição dos valores e virtudes do bom, belo e verdadeiro. Secreta porque seria um plano de inspiração gramsciana, que corroeria as instituições por dentro, no interior da cultura, derivando em altos investimentos em educação em contraste com o baixo desenvolvimento intelectual dos brasileiros.

Ao apresentar essa narrativa supostamente histórica sobre a educação, a produtora traça o curso da perspectiva educacional que começaria na Grécia Antiga, tendo como ponto de virada, isto é, como início da decadência, o ensino obrigatório criado pela Revolução Francesa. Desta tradição mais recente, chega-se à educação atual, delineada como pedagogia crítica, associada à figura de Paulo Freire e aos regimes totalitaristas do século 20. Essa aproximação é realizada por meio da intercalação da imagem do título *pedagogia crítica* com símbolos como a suástica (nazista), a foice e o martelo (comunista) e o feixe de varas (fascista). Que se coloque a educação crítica como tendo raízes no nazismo e no fascismo, não é apenas um erro grotesco; e que se localize, sem mais, o comunismo no mesmo rol do fascismo e do nazismo, é exercício para designar as práticas e pensamentos de esquerda como necessariamente pertencentes ao terror. Em um e outro caso, trata-se de deliberada falsificação histórica.

Na interpretação da Brasil Paralelo, a educação básica e superior do Brasil seria crítica – e a palavra é tomada não como conceito, mas como defeito –, priorizando a transformação social, mas enfraquecendo, como decorrência, a formação técnica dos estudantes, como explicitado por Rafael Nogueira, presidente da Biblioteca Nacional sob Bolsonaro, no terceiro capítulo do documentário: “porque que isso acaba culminando em maus índices de alfabetização, de conhecimento de ciências e de matemática, porque a prioridade é a crítica, prioridade é a luta política” (Brasil Paralelo, 2020b).



Ele é seguido por Olavo de Carvalho, que disserta sobre o que supõe ser a qualidade da produção literária e intelectual no Brasil:

A burrice brasileira é uma coisa que nunca aconteceu no mundo, você pega um país que durante 50 anos não produz uma obra de literatura notável, nenhuma! Isso nunca aconteceu. (...) Não aconteceu na Alemanha nazista, não aconteceu na União Soviética, não aconteceu em lugar nenhum, só no Brasil, porra! E esse é o problema do Brasil, não é comunismo ou esquerdismo, é esta degradação intelectual espiritual humana horrível (Brasil Paralelo, 2020b).

Assim, a educação, dentro e fora das escolas, via priorização da luta política e consequente deturpação da verdade, do bem e da beleza, incapacitaria a nação de produzir pensadores, cidadãos e produtores de arte e conhecimento. Nesse sentido, a pedagogia freiriana é acusada de gerar um relativismo que deturparia as linhas claras das fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, cultivando um clima intelectual para a degradação da cultura e da civilização. Ou ainda, tal relativismo seria “a ausência de definições sobre valores objetivos e universais” e “a negação de que existe uma verdade para todos” (Brasil Paralelo, 2021).

O oposto a isso, que seria a representação do exercício educacional honrável e não manipulador, se materializaria, na narrativa de Filipe Valerim, da seguinte maneira:

Nos tempos antigos, a Educação nasceu para buscarmos o que é a verdade. Pense nessa pergunta e no impacto que essa resposta possa ter, o certo e o errado, o bem e o mal, os valores os objetivos e os costumes de um povo, estão ancorados na compreensão que a civilização tem desta pergunta (Brasil Paralelo, 2020c).

Junta-se a isso o entendimento da produtora com relação à escolarização básica obrigatória, em que uma educação crítica e o envolvimento do Estado no desenho de políticas públicas de educação, como a Base Nacional Curricular Comum, Lei de Diretrizes e Bases e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), prenunciariam uma empreitada da esquerda, articulada via imagem de Paulo Freire, para a implementação de uma nova escala de valores e a disseminação do relativismo moral. O pensamento crítico, teorias de gênero, estudos étnico-raciais e o que mais couber sob o significante vazio de doutrinação, experienciam, segundo a



régua da Brasil Paralelo, a confusão com a crise cultural refletida no combate, rompimento e polarização evidentes no tecido social, via a suposta degeneração do exercício intelectual. Assim, Paulo Freire, brasileiro muito reconhecido, com 29 títulos de *doutor honoris* mundo afora e o prêmio de educação para a paz outorgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), passa a ser visto como um peão central do movimento político de esquerda para a conquista da hegemonia cultural, corroendo o processo de formação via conteúdos de valor crítico, questionadores e de leitura sociocultural e política ampla, marcas de suas obras.

Ainda que a empresa-produtora afirme reconhecer que há diferenças entre as pessoas e defenda princípios liberais para a vida em sociedade, seu posicionamento com relação à pauta de costumes procura a homogeneização. Em contraposição ao relativismo moral, defende abertamente que “o caminho do bem é uma linha reta, impassível de dúvida, somente do ângulo divino, não do humano” (Brasil Paralelo, 2021) – o divino, em todo e qualquer caso, não é entendido como multiplicidade, mas sim aquilo que corresponde estritamente ao modelo cristão. A cultura brasileira, portanto, estaria se degenerando por haver perdido o código moral cristão como guia de conduta; o bom, belo e verdadeiro são entendidos somente como o que provém de tal perspectiva.

CONCLUSÃO

A produtora Brasil Paralelo não pode ser simplesmente chamada de conservadora, pelo menos não no sentido que Hannah Arendt (2022) emprega, o da conservação e da não destruição do mundo. A produtora é muito mais reacionária ou, nos termos propostos por Herbert Marcuse (1972), contrarrevolucionária, agindo em sentido preventivo contra qualquer transformação da sociedade. Para tanto, lança-se ao ataque nos termos que critica, o da disputa por hegemonia, da qual faz parte. É no âmbito da cultura que se dá tal intento, e o lugar é, mais do que antes foram livros, jornais e a esfera pública, a rede mundial de computadores, a internet.

Buscando o espaço da *www*, em tempos de cultura de déficit de atenção (Türcke, 2016), o intento se dá como regressão da atenção e do pensamento. Por isso se coloca a infantilização



no anúncio de que em apenas três minutos será possível informar-se de tudo o que é importante, e que a história que contarão não será “chata”. É como se o próprio sujeito, destituído de sua subjetividade – como sugerem Horkheimer e Adorno (1997) ao delimitarem o projeto iluminista –, por paradoxal que pareça esse processo, já não fosse capaz de por si selecionar e ser crítico em relação ao que lê e vê. Talvez isso tenha algo verdade, infelizmente, mas exatamente por causa dos processos que a própria produtora fomenta. Vale lembrar ainda o que Walter Benjamin (1977) destacou como a impossibilidade de realizar experiências quando não há tempo disponível, mais lento e qualitativo, o que vale muito para a educação. Mas não é o que interessa à Brasil Paralelo, que procura a baixa complexidade e o reforço, mesmo que velado, de preconceitos, de modo a combater a agenda contemporânea por diversidade e ampliação de direitos.

Corresponde a isso a recusa de um debate pela história, apresentando-se, ao contrário, como uma única e supostamente verdadeira narrativa sobre o passado e sobre o próprio curso do presente. Ganha dimensão importante, neste contexto, a recusa de elaboração do passado, inclusive aquele que foi vivido sob ditadura no Brasil. Um exemplo desse processo é o programa Rasta News, que em linguagem e imagem que tendem ao deboche e ao desrespeito, mesmo que travestidos de humor, divulga o discurso reacionário que reafirma a infantilização e, nos termos certa vez propostos por Adorno (1997d), a semiformação. O entretenimento nesse caso é, ao contrário do relaxamento que promete, dominação dos sentidos e do pensamento por um artefato que não sai do círculo sempre repetido da indústria cultural.

O debate e a disputa pela história são, assim, apresentados como necessários para o combate à decadência moderna, estado de coisas que nos teria feito perder os valores vistos como eternos e universais do ocidente – branco, masculino, adulto, heteronormativo, cristão etc. – levando-nos às crises contemporâneas. Nesse mesmo contexto, coloca-se também a crítica a qualquer expressão estético-formal não tradicional, entendida pela Brasil Paralelo como “fim da beleza”. “Resgatar”, ou seja, salvar aquilo que foi perdido, é como que um mantra a todo momento repetido nas produções. Cria-se a fantasia passadista de que outrora as coisas foram melhores – ou eram até quase perfeitas –, e que é preciso salvá-las das distorções e desvios que sofreram. Um desses modelos passadistas corresponde ao período ditatorial (1964-



1985), tratado, no mais das vezes, como tempo de simples conflito entre partes ou, ainda mais drasticamente, como resistência do sistema ao perigo comunista. Tortura, violação de direitos humanos, perseguição, desaparecimentos, censura, endividamento público, corrupção etc., são temas minimizados ou, na maior parte das vezes, negados pelos produtos da Brasil Paralelo. Essa ode ao fantasioso passado e a vontade de fazê-lo presente estrutura-se, ainda, como uma defesa do sempre igual – não só em termos de organização social em torno do modelo civilizatório capitalista, como também no que se refere à formação subjetiva única, homogênea, alinhada à moralidade cristã.

A proposta da Brasil Paralelo, em concomitância e correspondência ao impulso reacionário e antidemocrático que disputa a esfera pública brasileira – ainda que, finalmente, a plataforma queira destruí-la como tal – tem forte dimensão educacional. Isso acontece não apenas porque elege Paulo Freire como um de seus principais alvos, ou ainda em razão de seus artefatos serem sugeridos como material escolar. Quando cada smartphone se transforma em prótese (Vaz, 2021), o alvo passa a ser a dominação do último resquício da subjetividade humana, a imaginação. Uma vez alcançada, não é apenas a educação que está a perigo, mas a própria condição de sujeito e, portanto, a liberdade e a justiça.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Das Schema der Massenkultur. **Gesammelte Schriften 3**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997a.

ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor W. Kultur und Verwaltung. **Gesammelte Schriften 8**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997b.

ADORNO, Theodor W. Negative Dialektik. **Gesammelte Schriften 6**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997c.

ADORNO, Theodor W. Theorie der Halbbildung. **Gesammelte Schriften 8**. Frankfurt am



Main: Suhrkamp, 1997d, p. 93-12.

Adorno, Theodor W.: Antisemitismus und faschistische Propaganda [1943], in: Simmel, Ernst: **Antisemitismus**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2002, p. 148-161.

AMORIM, Lucas. Com 500 mil assinantes, Brasil Paralelo quer evitar polêmicas e sonha ser “a Disney brasileira”. 17 fev de 2023. Disponível em: <https://exame.com/negocios/com-500-mil-assinantes-brasil-paralelo-quer-evitar-polemicas-e-sonha-ser-a-disney-brasileira/>. Acesso em: 16 mai de 2024.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2022.

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. **O púlpito**: fé, poder e o Brasil dos evangélicos. São Paulo: Todavia, 2024. 208 p.

BENJAMIN, Walter. Der Erzähler. Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows. **Gesammelte Schriften 2-2**. Suhrkamp, Frankfurt, 1977, p. 438-465.

BRASIL DE FATO. Documentário da Brasil Paralelo influenciou ataques da extrema direita contra Maria da Penha, agora sob proteção do estado. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/10/documentario-da-brasil-paralelo-influenciou-ataques-da-extrema-direita-contra-maria-da-penha-agora-sob-protecao-do-estado>. Acesso em: 09 de ago de 2024.

BRASIL PARALELO. 5 clássicos da literatura mundial que podem mudar sua vida. 2023a. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/5-classicos-da-literatura-mundial-que-podem-mudar-sua-vida#:~:text=A%20m%C3%BAsica%20que%20algu%C3%A9m%20escuta,mais%20ousada%20da%20Brasil%20Paralelo>. Acesso em: 29 jun. de 2024.

_____. 6 documentários brasileiros que são referência nacional. 17 mai de 2022a. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/documentarios-brasileiros>. Acesso em: 16 mai de 2024.

_____. Como são feitas as investigações criminais na BP? Veja entrevista de bastidores com Zingano. 2022b. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/como-sao-feitas-investigacoes-criminais>. Acesso em: 30 jun. de 2024.

_____. Consequências do movimento feminista – entenda como o feminismo inverteu a cultura ocidental. 2022c. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/consequencias-do-movimento-feminista?utm_medium=artigos. Acesso em: 29 jun. de 2024.



_____. Escola da família, o suporte para os pais que desejam criar um legado. 2023b. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/conheca-a-escola-da-familia-o-suporte-para-os-pais-que-desejam-criar-um-legado>. Acesso em: 29 jun. de 2024.

_____. O que é relativismo moral? É uma filosofia ou a negação dela? 2021. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/relativismo-moral?utm_medium=%2Fartigos%2Fconsequencias-do-movimento-feminista. Acesso em: 16 mai de 2024.

_____. Pátria Educadora, O fim da história - capítulo 1, filme completo. YouTube, 31 mar de 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc>.

_____. Pátria Educadora, Guerra contra a inteligência - capítulo 3, filme completo. YouTube, 31 mar de 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtXI>.

_____. Pátria Educadora, Pelas barbas do profeta - capítulo 2, filme completo. YouTube, 31 mar de 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0>

_____. Pelo segundo ano consecutivo a Revista Forbes destaca a Brasil Paralelo em seu ranking de sociedades pró-livre mercado. 2024. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/pelo-segundo-ano-consecutivo-a-revista-forbes-destaca-a-brasil-paralelo-em-seu-ranking-de-sociedades-pro-livre-mercado>. Acesso em: 16 mai de 2024.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão**: a vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019

CHADE, Jamil; FIBE, Cristina. Maria da Penha terá proteção do Estado após ameaças da extrema direita. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/06/07/maria-da-penha-tera-protecao-do-estado-apos-ameacas-da-extrema-direita.htm>. Acesso em: 30 jun. de 2024.

CHAFUEN, Alejandro. The 2023 ranking of free-market think tanks and organizations measured by social media impact. 7 jun de 2023. Disponível em: https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2023/06/07/the-2023-ranking-of-free-market-think-tanks-and-organizations-measured-by-social-media-impact/?sh=305c6b0e61c8&utm_medium=%2Fnoticias%2Fpelo-segundo-ano-consecutivo-a-revista-forbes-destaca-a-brasil-paralelo-em-seu-ranking-de-sociedades-pro-livre-mercado. Acesso em: 16 mai de 2024.



CLAUSSEN, Detlev. Im Zeitalter globaler Gleichzeitigkeit. Kritische Theorie der Gegenwart. **Kritiknetz** – Zeitschrift für Kritische Theorie der Gesellschaft, 2013. (https://www.kritiknetz.de/images/stories/texte/Claussen_Globale_Gleichzeitigkeit_Berlin_2013.pdf) Acesso em 26/06/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente. In: **Gesammelte Schriften** (Adorno). Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

JESI, Furio. **Cultura de direita**. Tradução: António Guerreiro. São Paulo: Âyiné, 2022.

LOURENÇO, Nubia Almeida; VAZ, Alexandre Fernandez. Movimento Escola sem Partido: anti-iluminismo, heteronomia, exclusão. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 17, n. 36, p. e18379, 2024.

MARCUSE, Herbert. **One dimensional man**: Studies in the ideology of advanced industrial Society. 2. ed. Londres/New York, Routledge, 1991.

MARCUSE, Herbert. **Counterrevolution and Revolt**. Boston: Beacon Press, 1972.

O GLOBO. Direito de resposta Brasil Paralelo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/direito-de-resposta-brasil-paralelo-23761972>. 2019. Acesso em: 26 set, de 2023.

OXFORD. Oxford languages and Google. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 16 mai. de 2024.

PALHARES, Isabela. Além de vídeo do MBL, gestão Tarcísio usa texto do Brasil Paralelo em material didático. Folha de São Paulo, 06 de maio de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/05/alem-de-video-do-mbl-gestao-tarcisio-usa-texto-do-brasil-paralelo-em-material-didatico.shtml>.



RODRIGUES, Henrique. Maria da Penha terá proteção do Estado após ‘Brasil Paralelo’ defender agressor. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/mulher/2024/6/7/maria-da-penha-tera-proteco-do-estado-apos-brasil-paralelo-defender-agressor-160127.html>. Acesso em: 09 de ago de 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 294 p.

TÜRCKE, Christoph. **Hyperaktiv!:** Kritik der Aufmerksamkeitsdefizitkultur. Munique, C.H.Beck, 2012. 123 p.

VAZ, Alexandre Fernandez. Notas sobre um conceito que não se cansa: revistando Teoria da semiformação, de Theodor W. Adorno. Conferência no evento **O potencial educativo da Teoria Crítica: 30 anos de vida e de formação**. 28/09/2021 (<https://forms.gle/x7BkbcTxP2ezyUA2A>).

VAZ, Alexandre Fernandez. De uma agenda regressiva: O movimento Escola Sem Partido e o espírito do tempo. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 17, p. e4551063, 2023.

VAZ, Alexandre Fernandez. LOURENÇO, Núbia Almeida; MIRON, Leonardo Cartagena livros, armas, educação: sobre um dispositivo regressivo. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. ed.especial, p. 694–708, 2024.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Mestranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. <https://orcid.org/0009-0009-6908-2773>. E-mail: nubialourenco@icloud.com

[**] Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. <https://orcid.org/0009-0004-7416-5411>. E-mail: leonardo.psico.ufsc@gmail.com

[***] Doutor em Ciências Humanas e Sociais (Dr. Phil.) pela Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4194-3876>. E-mail: alexfvaz@uol.com.br.

Submetido em: junho de 2024.

Aprovado em: outubro de 2024.

Publicado em: novembro de 2024.